



**Vanguarda**

Director: **Gildo Matias José**  
19 Janeiro 2018  
Ano 1 — Número 51 — Semanário  
Preço: 300 Kz

INTERNACIONAL

## Lourenço é o primeiro presidente angolano a ir a Davos P.37

É a primeira vez que um presidente angolano participa no Fórum Económico de Davos, de 23 a 26 deste mês, num encontro anual que reúne os mais relevantes nomes da política, economia, cultura, *media* e religião do mundo. Donald Trump encerra o evento e João Lourenço tem um encontro marcado com António Costa, à margem da cimeira, num momento crítico entre os dois países.

HYPE

## Keyeuza, a vida e a arte sem limites em Londres P.19



ÍCONE

## Sonho de Martin Luther King está longe de ser cumprido P.46

Desde 1983 que a terceira segunda-feira do mês de Janeiro é feriado nacional nos EUA, em honra da figura maior da defesa dos direitos civis, que nasceu a 15 de Janeiro de 1929: Martin Luther King Jr. Assinada por Ronald Reagan, a data é observada pelos 50 estados desde 2000, quando os antigos estados escravagistas do Sul deixaram de resistir à comemoração. Mas o sonho de MLK está longe de ser cumprido.



Carlos Muyenga

AUSTERIDADE

## Cortes nas regalias dividem Governo e parlamento

A aprovação do OGE 2018, que propõe a suspensão de seis subsídios e cortes de 50% noutras regalias dos titulares de cargos públicos, poderá marcar a primeira 'prova de fogo' entre o MPLA e o Executivo. Na PGR, há greve à vista. P.6

ECONOMIA

## IPU e IRT não vão subir P.32

OGE não prevê aumentos de impostos na habitação nem nos rendimentos do trabalho por conta de outrem.

DESPORTO

## Gelson Dala, o mágico da bola P.39

Melhor goleador do Girabola Zap, marcou nas estreias pela Selecção Nacional e agora pelo Rio Ave, de Portugal.

GRANDE ENTREVISTA A JOSÉ GUERREIRO

## “A TPA quer melhorar, sem atirar pedras a ninguém”

O PCA da televisão pública anuncia ainda um canal de notícias para este semestre. P.16



19 / 01 / 2018 / CULTURA / ESTILO / TENDÊNCIAS

# HYPER

**KEYEZUA**

**VIVER  
SEM LIMITES  
COM A SUA  
ARTE**





### Qual foi a maior provocação que já fez?

Foi a instalação *Facticius*, no parlamento holandês, logo depois de ter terminado a universidade em Haia. Se, para muitos, terminar a faculdade é motivo de grande festa, para mim foi de alguma tristeza, porque houve professores que me disseram que o meu trabalho não era suficiente.

### Mas a avaliação desses professores não contou?

Faziam parte do grupo de seis professores que decide quem conclui ou não a faculdade. Estava já a festejar por ter concluído e fui confrontada com essa observação de que afinal não era tão boa, o meu trabalho não era suficiente... Mas decidi provar que estavam errados! Houve uma exposição comemorativa de final de curso para mostrar os trabalhos dos alunos, mas avisaram logo que quem passou por um triz escusava de participar. Montei o meu trabalho com todo o orgulho e disse: “Não vou aceitar ser o que eles querem, não posso começar a minha vida artística assim.” Mostrei o meu trabalho e estive presente até ao fim, e com essa atitude disse: “Mesmo que não queiram, eu estou aqui e vou receber as pessoas que foram ver a minha instalação!”

### Em que consistia a instalação?

Fiz costuras robóticas que se movem, delectam pessoas, perfumes... A pessoa que mais tarde viria a convidar-me para expor no parlamento holandês esteve lá e disse que viu o meu trabalho. O tema da minha instalação era sobre nunca desistir daquilo em que acreditamos e do que podemos ser. Este trabalho foi uma prova da minha resistência e de não deixar que outros controlem a minha mente ou decidam como vai ser a minha vida, principalmente, a minha carreira.

### Esta resistência é resultado da discriminação que sentiu na Holanda, onde viveu a sua adolescência e juventude?

És mulher, artista, africana, num país onde as pessoas não entendem muito bem a tua origem... De início via como discriminação, não me educaram para perceber o que as pessoas queriam dizer quando usavam certas palavras. Diziam-nos: “Porque és estrangeiro, só podes ir até certo nível, o teu limite é

este...” Eu vivo sem limites, decidi expor a minha instalação, as minhas esculturas, um dia poderão ser exemplo para muitos alunos que pensam desistir ou se sentem obrigados a agradar à sociedade, pressionados pelo que dizem... Eu nunca me deixei influenciar a esse ponto. Tinha uma professora que dizia: “Mas tu és maluca?” Eu respondia: “I don’t f\*\*king give a f\*\*ck, OK? Eu vou conseguir!”

E de facto assim foi, ainda hoje recebo mensagens a dizer que falam sobre mim na academia. As pessoas vão falando, pedem entrevistas, querem saber como foi aquele momento em que determinei que iria expor. O diálogo continua, esteja eu presente ou não, por isso foi um dos trabalhos mais provocantes que já fiz.

### A provocação é constante no seu trabalho, é consciente ou, mesmo, propositada?

É inconsciente. Quem me aconselhou a fazer arte, porque até então eu estava a fazer International Business Language, um professor disse-me que, com a minha energia, porque sou muito intensa, mesmo os meus pais diziam: “Meu Deus, essa intensidade toda? Nem dormes...” O professor dizia que eu tinha algo em mim que não se ficava apenas com Business, precisava de extravasar a minha criatividade.

As pessoas muitas vezes não entendem, mas sempre fui assim, sem querer. Em sentimentos, a forma de falar, de ser amiga... Consigo colocar estas energias na arte, e, mesmo quando termino as peças, as pessoas sofrem. Fico atrás delas, com aquela intensidade, adrenalina... Não consigo controlar, porque quero ser bem-sucedida. Perco-me muito quando vou ao mercado e fico a apreciar as mulheres. Vou aos bairros e fico já “tipo do bairro”.

### Um ser inquieto e em constante luta pelas causas da mulher?

Creio que tenho uma interacção mais livre com as mulheres, temos o mesmo corpo, os mesmos problemas, discriminações... como sei que a mulher em si ainda não tem o lugar na sociedade que merece ter, uso a minha arte para falar sobre as mulheres que eu encontro. Os homens fecham-se muito quando é uma mulher a questionar, a apreciar o movimento

do corpo, e isso torna-se ou sexual ou algo estranho. Tenho dois trabalhos com homens: *Nothing* – fala sobre fazer nada. Fui à ilha de Luanda, em frente à floresta, para explorar isto de não fazer nada e não ter trabalho durante bastante tempo. Eles abriram-se e consegui captar imagens que queria sobre o desemprego e como a depressão se pode tornar romântica quando estás em frente ao mar... O outro trabalho: *Eles contra as Fofas* – foi com meninos de rua, pedi que se vestissem de mulher para jogarem futebol. Vestidos longos, saia curta, *soutien*...

### Não se ofenderam?

Não. Divertimo-nos, via-se que quem estava vestido de mulher incorporava, e estavam todos “soft”... Foi curioso ver como um vestido ou uma saia pode, de repente, obrigar o homem a pensar como a mulher é sensível, e expõem o que acham que a mulher é, neles mesmos, no andar, falar... Foi muito interessante, e até hoje nos rimos bastante, porque ficaram a trabalhar ao lado da minha casa e dizem que foi muito divertido e querem fazer mais...

### Só no ano passado, a sua arte esteve em Bamako, Lagos, Joanesburgo, Miami e, agora, Londres. Esteve presente em algumas, noutras, ausente, mas sentiu ou está a sentir o impacto dessas exposições, provocou alguma transformação em si?

Provoca sempre, tudo em mim provoca uma transformação. Estes sítios foram importantes para mim, infelizmente em Angola tive momentos negativos, as pessoas duvidam do meu trabalho, do que sou capaz de fazer. Estas exposições foram uma prova de que ainda tenho tanto a dar. Isto faz-me renascer, aliás, gosto de renascer todos os dias para me tornar uma versão melhor de mim mesma. A experiência é sempre outra também, nada é sempre o mesmo, nunca somos os mesmos.

### A mais recente série, *Fortia*, é uma história muito pessoal, foi apresentada em Joanesburgo, mas não esteve presente. Sentiu necessidade de lá estar?

Mesmo que eu não esteja presente, a obra tem de falar por mim. Mesmo em exposições em que estou, não gosto de explicar, prefiro que as pessoas estabeleçam um diálogo com a obra, creio que assim é mais divertido. Claro que, se estivesse presente, e sendo este um trabalho sobre o meu pai, as pessoas iriam lê-lo de outra forma, e eu acabaria por manipular a coisa. Com a apresentação genial feita pela MOVART, o trabalho em si fez tudo o que eu queria. *Fortia* é a continuação da vida do meu pai, e há muitas coisas que lhe dão vida e uso como terapia quando sinto saudades dele.

### Sente que há já um movimento em que cada artista no seu país, com a sua visão, expressão, faz renascer a arte africana?

Não posso falar por todos, são muitos e de países que eu nem conheço. Vejo que existe esse movimento e interesse por imagens, pinturas, e os novos artistas dão luz a uma nova África no seu total, mas que se subdivide em diferentes culturas, histórias, colonizadores...

A questão é que não nos vemos como embaixadores. Creio até que os artistas chegam mais longe do que um embaixador ou um ministro, porque fazemos algo que representa Angola, mas também que cria aquele diálogo com o resto do mundo. Estamos em Angola, onde nasceu o Edson Chagas, que ganhou um Leão de Ouro, Kiluanji Kia Hen-

da, Binelde Hyrcan, que são a nova geração, Januário Jano, Ana Silva, eu... Sabemos que tem sido difícil assumir isso, mas Angola precisa de nós.

### Até que ponto é que Angola tem consciência de que precisa de vocês?

Não creio que exista essa consciência. Não há interesse em investir, criar diálogo com os artistas... As exposições de arte tornam-se encontros de homens de negócio que vêem arte, comem e bebem champanhe e nem compram ou querem saber das dificuldades que o artista tem só para enviar uma imagem para fora do País, devido à lentidão da Internet. A dificuldade de encontrar material a bom preço... Creio que quem compra arte precisa de ser educado, deve ter noção de que os artistas passam horas e horas a tentar pôr um sentimento, uma história, desenvolver uma nova técnica...

### Não é frustrante perceber essa falta de noção e desconsideração, sobretudo quando ainda regateiam os preços das obras?

Eu não sinto frustração, não sei dos outros artistas, mas isso a mim dá-me gás. Começo logo a escrever cartas a essas pessoas de negócios e chamo a atenção. Escrevo a dizer o que sinto, proponho projectos para que não venham dizer amanhã que nós é que não queremos. Manifesto por escrito o meu interesse em incluir-me neste desenvolvimento da cultura angolana que economicamente já tem um grande valor.

Invistam em nós. Não é o dinheiro que vem em primeiro, mas, sim, o interesse. Permitam que façamos parte de certos programas, desafiem-nos, é isso que queremos. Estou muito aborrecida, mas vou desenvolver trabalho, continuar a criar para ajudar a desenvolver a nossa cultura, voltei para Angola para contribuir.

Trabalhem mais. O artista também tem de ter capacidade para resolver os seus problemas, escrever um *e-mail* que fale sobre o seu trabalho. Estamos a dialogar com o mundo, infelizmente não é em quimbundo, nem em calão, é preciso aprender a falar inglês. Por exemplo, se o artista que estivesse inscrito no Ministério da Cultura tivesse direito a um curso de inglês durante um ano e outras formações para que o artista deixe de ser analfabeto e deixe de ser explorado...

### Desde a primeira provocação na Holanda até Angola, como reage hoje a artista? Ainda reage da mesma maneira a um “não consegue”?

Quando nos magoam, passamos por um processo longo de sentir mágoa, questionamento sobre a nossa identidade... Como abraçar os lábios grossos? O nariz?... Muitos optam por clarear a pele, mudar o formato do nariz, dos lábios... Estou feliz porque eu me tornei uma mulher muito forte e estou bem comigo mesma. Passei por processos de dúvida e de insegurança que me magoaram muito, mas ajudaram a desenvolver a minha identidade, lutar pelos meus direitos e ter uma voz para dizer o que eu quero. Muitas vezes, as pessoas ficam acanhadas, baixam a voz... Fico feliz quando mostro o meu trabalho e as pessoas encontram a voz que elas ainda não conseguem partilhar.

Quando penso em como cresci e desenvolvi, dá-me orgulho ser eu, mas esta ainda não é a versão final, por isso não devo relaxar agora e dizer consegui, já está... A cada dia quero dar mais, o que aconteceu em Joanesburgo, Miami, já foi, fiz o óbito e tudo, agora renasci de novo... **V**

# KEYEZUA

**“QUEM COMPRA ARTE  
PRECISA DE SER EDUCADO”**

Lola Keyezua expõe o seu trabalho, nesta semana, no London Art Fair, no espaço da MOV'Art Gallery, que em 2017 também levou a obra da artista a Joanesburgo e a Miami. Ao *Vanguarda*, fala de si, do seu trabalho e de experiências provocadoras e intensas.

Texto **Nilza Rodrigues** fotos **DR**

